

ENTREVISTA

com **Eugène Enriquez***
Paris, 11.10.2007

Por: **Maria Ester de Freitas****

Eugène Enriquez é um pensador da vida contemporânea e homem erudito, cuja formação em Sociologia, Direito, Filosofia e Psicanálise torna qualquer conversa uma experiência impar. É professor emérito da Université Paris VII, onde por muito tempo dirigiu o Curso de Doutorado em Sociologia do Poder. Por se ocupar de temas que retratam, inquietam e desafiam a vida social e organizacional, Enriquez é um espírito livre e aberto, humano, acolhedor e realista.

Ele é autor de uma vasta obra, da qual destacamos alguns de seus livros traduzidos para o português: *Da Horda ao Estado* (J.Zahar, 1990), *A Organização em Análise* (Vozes, 1997) e *Figuras do Poder* (Via Lettera, 2007). Ele visita o Brasil com frequência, tendo participado no ano passado do ciclo de palestras sobre as mutações no mundo contemporâneo, promovido pelo SESC, em várias cidades brasileiras.

Esta entrevista foi concedida em outubro de 2007, em Paris, quando de uma viagem pessoal. A entrevista nasceu da vontade de visitar algumas das idéias que Enriquez analisa ao longo de sua obra, bem como o desejo de compartilhar com os interessados o pensamento de um analista refinado - a quem dedico muita admiração -, sobre temas tão importantes na área de Estudos Organizacionais.

1. No seu último livro traduzido para o português – Figuras do Poder (SP, Via Lettera, 2007) – o senhor se refere ao mito do bom poder. No que ele consiste ou como ele se manifesta?

Enriquez - Eu diria mesmo que se trata de um mito fundamental, na medida em que todo poder quer ser bom. O que eu quero dizer com isso? Não se trata de dominação, pois existe diferença entre um e outro. A dominação quer apenas servidores e, nesta condição, ela é um reino dominado pela força e pelo temor generalizado, pois precisa suscitar o medo nas pessoas. O poder se apresenta sempre como a idéia de dirigir-vos, de fazer o vosso bem com ou sem vós e, de qualquer maneira, ele pretende estar sempre com a razão. Nele há sempre uma imagem paternal severa, mas justa. Então, podemos dizer que o mito do bom poder é um mito constante, pois a dominação – em um momento ou outro – faz nascer a revolta e a revolução, ou seja, uma manifestação forte. No entanto, se o poder dá a ilusão de ser um poder paterno ou de um irmão mais velho ou de gente competente, que tenta efetivamente tomar boas decisões e encontrar boas soluções para problemas reais, então ele consegue suscitar a adesão, porque ele fascina, ele seduz e mostra um certo nível de competência sem mostrar os seus defeitos.

A idéia de um poder bom é a idéia de um poder justo, um poder que permite fazer as coisas, de avançar, de mostrar que está do lado do progresso etc, e esta é uma idéia fundamental, pois o que está por trás é a conquista da servidão voluntária; ou seja, ter seguidores do poder voluntariamente, pois existe sempre a ambivalência relacionada tanto com o amor como com o ódio. Peguemos dois exemplos, usando Freud como referência. Em *Totem e Tabu*, existe uma dominação total do mais forte (o pai) que impede os outros (filhos) de se desenvolverem, de

*Prof. Université Paris VII.

** Profa. EAESP/FGV

exercerem a sua sexualidade etc, por isso eles se revoltam e, por fim, o comem. No livro *Psicologia das Massas e Análise do Ego*, ao contrário, a imagem dada é a do chefe paternal que diz amar uma legião de sujeitos, e como ele ama a todos esses sujeitos e tenta mostrar que isto é verdadeiro, ele tem um retorno desse amor.

Reafirmo que o mito do bom poder é um mito constante, até o final dos tempos, no qual se encontram sempre aspectos positivos ligados à possibilidade de se transformar as coisas; e há, também, mais escondido, o seu aspecto mortífero, a servidão voluntária. Ora, todo poder tenta ser legítimo, seja porque é o representante de Deus na terra (realeza), seja porque as pessoas votam em outras para que elas assumam o poder em seu nome (democracia) e que possam fazer algo bom para a coletividade. Por exemplo, Sarkozy é um caso típico: quer se mostrar como um pai, um irmão mais velho, que pode se harmonizar com todo mundo, pois, mesmo sendo um governo de direita, ele tem no seu *staff* gente da esquerda, de forma que ele tenha uma certa unanimidade em torno de si, assegurando que, mesmo pessoas que não estão totalmente de acordo com ele, aceitem o jogo, a lei, a regra. Ou ainda, os governos populistas se vêem como pais de suas crianças (no caso, o povo), dizendo-lhes que sempre estará do seu lado para lhes fazer o que é bom e que, se eles forem seguidos, o povo se desenvolverá e terá uma vida sempre melhor. O que eles prometem é sempre o bem futuro. Se esses governos tiverem necessidade, eles podem rapidamente tornar-se autocráticos; lembremos de Stalin. A mensagem é sempre de bem-aventurança para provocar admiração; e o detentor do poder será sempre alguém que desenvolve um papel de evidência incontestável.

2. É possível existir nas organizações um poder que não seja mortífero? Quais seriam as condições para o seu desenvolvimento?

Enriquez - Existem sempre aspectos não-mortíferos no poder, pois se o poder fosse apenas mortífero a vida não seria possível de ser vivida, uma vez que ele retiraria das pessoas todo o seu entusiasmo, toda capacidade criativa e isso não funcionaria. Então o poder não pode ser unicamente mortífero e, como já dissemos antes, mesmo aquele que se fundamenta no medo e no terror, tem necessidade de ser admirado. Podemos ver bem como isto funciona no final do romance de George Orwell, 1984, quando o herói Winston, após todo o sofrimento e quase à morte, declara, espontaneamente, o seu amor ao grande chefe. Poderíamos dizer que existe ali, em parte, uma espécie de identificação com o agressor, ainda que não possamos analisar essa passagem como sendo simplesmente isso o que ocorre.

A identificação com o agressor é um processo psíquico que a rigor ocorre *a posteriori* e que leva o agredido a se comportar como o agressor. Podemos exemplificar com o caso do colonizado que defende o colonizador, adota o seu comportamento e tem vantagens com isso. No caso do poder mortífero, pode-se amar o poder forte mesmo não tirando dele nenhuma vantagem.

Quanto às condições de desenvolvimento de aspectos não mortíferos do poder nas organizações, elas podem ser vividas quando existe uma verdadeira participação ligada à definição do próprio trabalho e à forma de realizá-lo; quando há participação na real definição dos objetivos organizacionais e não apenas a caricatura de participação na definição de metas e números. Falamos da participação real naquilo que importa, aquela que negocia sobre os valores, os princípios e sobre os objetivos mesmo operacionais.

Esse tipo de participação implica em discussão verdadeira, em negociação real e aprofundada, fundada na discussão, na exposição de conflitos e no debate de idéias diferentes. É evidente que tudo isso é difícil para as organizações porque, em virtude da competição e das definições de curto prazo que, hoje, predominam, isso é tido como perda de tempo e, também, pela própria negação da diferença que ocorre no espaço organizacional. Então, é muito mais fácil fazer de contas que todos são amigos, que todos estão de acordo, que todos sabem se falar, que sabem se conter, que sabem mostrar certa consideração uns pelos outros e sabem tocar o barco adiante.

3. Após as reestruturações organizacionais ocorridas na última década, o senhor diria que a estrutura estratégica – que casa o aspecto racional com a paixão – ainda é dominante ou ela se modificou?

Enriquez - A estrutura estratégica, tal como existiu antes das reestruturações fortes, está se modificando. O que quero dizer com isto? As empresas continuam querendo captar a competência, o trabalho duro, o entusiasmo, o arrebatamento, a lealdade e a devoção das pessoas no trabalho; ou seja, captar a vida psíquica das pessoas. Ao mesmo tempo - em um mercado cada vez mais competitivo, no qual as empresas devem apresentar cada vez mais valor agregado e elevação de produtividade -, surge um novo aspecto que ganha espaço cada vez maior, que é demonstrado diretamente aos indivíduos, que é o lado repressivo e insensível dessa estrutura. Este lado se traduz pelas demissões em massa, pelo rebaixamento, pelas "relocalizações", sem se preocupar, minimamente, com o impacto sobre a vida das pessoas, seja sobre as suas competências, seja sobre a sua vida psíquica, antes vistas como importantes para realizar o que as organizações consideravam fundamental, e que agora são simplesmente descartadas.

Eu diria que, hoje, o uso da estrutura estratégica pela empresa é muito mais duro do que há anos atrás, quando ela começou a ser desenvolvida e utilizada. Agora, a empresa assume claramente que ela quer tudo do indivíduo, quer que ele faça de contas de que ela o ama e dê tudo de si, mas ao mesmo tempo ela pode jogá-lo na rua sem maiores hesitações; ou seja, a empresa diz de forma direta, e também de forma subliminar, o quão descartável é o indivíduo, tanto nos níveis mais baixos quanto mais altos da hierarquia. Não faz a menor diferença se o profissional é um operário ou um diretor, ela trata a todos com a mesma insensibilidade. De um lado, a gestão exercida pelo amor, pela sedução e pela adesão; de outro lado, pelo temor, pelo medo, pela repressão, pela indiferença nas demissões ou na violência interna, como nos casos de assédio moral ou sexual. Leia a biografia do PDG/CEO da G&E e veja como ele tratou os seus 3 diretores.

Existe hoje muito sofrimento no ambiente de trabalho, levando mesmo ao suicídio, como vimos recentemente nos jornais (casos da Renault e Peugeot).

4. Por que o pensamento organizacional que incita ou reforça excessivamente o consenso, o acordo e a harmonia é perigoso? Qual a natureza desse perigo para os indivíduos e para as organizações?

Enriquez - Falo dessa visão da organização em que cada um deve ocupar o seu lugar e, ao mesmo tempo, deve ter iniciativa, se superar e tudo mais, porém de maneira harmoniosa. Diz-se às pessoas que elas devem ser fortes e terem iniciativas, mas, ao mesmo tempo, elas devem seguir as coordenadas; ou seja, lutem sempre e conquistem espaços cada vez maiores, mas sejam cooperativos, participativos, não exibam as muitas tensões e ignorem os conflitos. A discórdia, as tensões, os conflitos aparecem sempre como negativos ou maus. Ora, os sociólogos (entre eles, Simmel) já nos ensinaram que os conflitos são necessários, as diferenças precisam ser expressas, os argumentos precisam ser expostos, os grupos precisam negociar... caso contrário, somos apenas pequenos carneiros concordando sempre, o que elimina a possibilidade de invenções, pois elas são produzidas por gente que não concorda, que tenta de outra maneira, que busca outras respostas. A invenção e a criatividade não nascem do conformismo.

Por que a necessidade de harmonia nas organizações? Ora, se há a harmonia, as pessoas são obrigadas a entrar em acordo sobre como resolver os problemas, em como definir as tarefas e sobre os meios de realizá-las. Assim, elas não criam problemas e nem dificuldades para os níveis superiores. Pode-se até ter pequenos conflitos no nível do como resolver determinadas tarefas, mas, no geral, é como se todos estivessem na mesma direção e envolvidos com a realização do mesmo objetivo.

Um grande empresário francês disse que seria preciso que a empresa moderna fosse como uma catedral da idade média, o que significaria que todos os

trabalhadores deveriam ser envolvidos no mesmo entusiasmo para a criação desta coisa magnífica... O que não é dito é que ninguém sabe nada sobre os trabalhadores da idade média e nem sobre como eles construíram essas catedrais, se eles tinham fome, prisão de ventre ou outros males.

O perigo evidente e mortal desse acordo, dessa harmonia, desse consenso sem fim é a repetição, que é do signo da morte; mesmo no pequeno grupo, se as diferenças não são ditas, se o grupo tenta ter sempre o compromisso sobre o que não é discutido, se ele faz de contas que as coisas estão bem, quando não estão, o resultado é muito diferente daquele em que se tem verdadeiramente uma abertura para propor, criticar, sugerir, discutir e confrontar na busca de soluções realmente validadas pelo grupo, mesmo quando existem alguns interesses divergentes.

5. O senhor vê a organização como um sistema cultural, simbólico e imaginário. Em linhas gerais, qual a contribuição dessa abordagem para uma melhor compreensão das organizações?

Enriquez - De uma maneira geral essa abordagem assume que as organizações não são apenas um sistema racional, econômico e técnico. É evidente que, mesmo quando não estamos em uma economia de mercado, é necessário se desenvolver métodos de gestão ou formas de gerir pessoas e recursos para se produzir algo.

No entanto, outras questões são importantes, como, por exemplo, o de se interrogar sobre se temos um sistema de valores comum ou uma forma compartilhada a respeito da vontade de fazermos algumas coisas juntos e sobre o por quê e como fazê-las. A questão crucial da cultura é saber como vivermos juntos, ou melhor, como vivermos juntos compreendendo o que se passa no interior de nós mesmos e o que cada um deve aportar ao outro; ou seja, como transformar o nosso conjunto transformando a nós mesmos. O perigo inverso é o de se desenvolver uma cultura totalmente impositiva, dizendo que o que deve ser feito é feito assim ou assado em todos os detalhes, esquecendo-se que dentro das organizações coexistem diversas e distintas culturas, o que é positivo para a oxigenação da organização. Mas, por outro lado, isso mostra que, se não há um mínimo de valores compartilhados pelos membros da organização, será impossível fazê-la funcionar.

Do ponto de vista simbólico, pode-se dizer que se tenta resolver os problemas através dos símbolos, usando o mais fundamental dentre eles, que é a linguagem que podemos compartilhar com os outros; ou seja, uma resolução de problemas que se dá não por meio de relações de forças, mas a partir do reconhecimento de uma lei comum que respeita o outro, que reconhece em cada um a sua existência e as suas possibilidades ou, ainda, que a lei comum reconhece cada um como parte de um todo. Existem outros elementos do simbólico, mas o que me parece essencial é a capacidade de cada um se referir ao outro por meio de uma lei comum, expressa numa linguagem comum.

Em relação ao imaginário, o que me parece fundamental é o reconhecimento do quão essencial é o fato de se ter uma utopia, uma capacidade metafórica, um projeto a realizar e não apenas metas a serem atingidas. Enfim, a abordagem cultural, simbólica e imaginária das organizações reconhece a importância do papel dos valores, dos princípios, da linguagem, dos desejos e projetos a realizar naquilo que as pessoas crêem mutuamente. Como sempre, isso pode ser o melhor ou o pior das organizações, pois, de um lado, tem-se a possibilidade de se partilhar coisas importantes com os demais, a que chamo de imaginário motor; de outro lado, tem-se a possibilidade de uma utilização obrigatória de símbolos unificadores, como bandeiras e hinos de empresas que dão vida a uma atividade simbólica intensa e a um imaginário enganador, sugerindo que são todos iguais, que não existem divisões e diferenças, bem como que a empresa é uma comunidade perfeita.

6. A convivência intercultural parece cada vez mais inevitável, porém, a que tão coloca situações como: de um lado, grandes fluxos migratórios, freqüentes intercâmbios econômicos e culturais, elogio à diversidade, pluralidade do mundo e busca do outro; de outro lado, retorno ao fanatismo, crescimento

de racismo, exclusão, lutas identitárias, quebra de vínculos sociais, precariedade da vida, do trabalho e das relações sociais. Esses movimentos estão ligados ou são apenas paralelos?

Enriquez - Eles são totalmente ligados, pois todos esses intercâmbios não apenas econômicos, mas de pessoas e de idéias, gente viajando para locais nunca antes imaginados, tudo isso conduz a essa diversidade, ao alargamento do espírito, ao alargamento da vida e alargamento do mundo. Por outro lado, e muito além do aspecto exótico, precisamos ter claro que as pessoas não estão de forma alguma habituadas a isso, a se obrigar a aceitar tudo se fundindo.

Veja, um dia um pequeno grupo se chamou de "homens" em relação a outros que eles não consideravam homens e, portanto, podia lhes matar e lhes comer... Ora este tipo de mundo em que tudo é totalmente aberto, especialmente aquele que é feito de gente pobre na casa de gente rica, vai despertar reações as mais diversas. De certa forma, é como disse Le Pen: "eu gosto muito dos estrangeiros, mas na casa deles". Fica, pois, subentendido que eu não amo os estrangeiros na minha casa, o meu vizinho deve voltar para o seu país.

Todo esse movimento de pessoas para lá e para cá desenvolve a idéia de uma "invasão possível", que é uma idéia terrível porque ela se dá tanto em relação ao social, como em relação ao psíquico. Por exemplo, o lado social é representado pelo trabalho dado ao imigrante, que o habitante local acusa de ter perdido; mas existe o lado psíquico da invasão e ele se dá à medida que o habitante local percebe o estrangeiro como uma intrusão no seu próprio psiquismo. Ou seja, eu entendo que a reação local ao estrangeiro não como uma reação somente por causa de questões econômicas e sociais, mas, também, como uma reação ao que vai mudar, ou melhor, ao medo que o local tem do que ele deve mudar no interior de si mesmo. Algo como "será que eu serei obrigado a mudar, eu mesmo, para aceitar tudo isso?"; ou seja, existe a consciência de que com o outro, ele pode ou deve mudar, mas ele não quer que o seu modo de pensar mude, senão ele deixará de ser quem é para ser um outro que ele não quer ser...

Na França, nesse momento, nós assistimos com muita freqüência a esses discursos, inclusive ao questionamento na esfera moral, em face da forma de viver diferente de pessoas de outras culturas, hábitos e religiões que vivem aqui. O local fica se perguntando por que ele deve se acostumar com isso ou por que tem que aprender aquilo sobre os outros, que não lhe interessam absolutamente.

Então, essas coisas todas estão ligadas e numa certa medida nós presenciemos um retorno da importância ou valorização do local, ou seja, um retorno às raízes, ao torrão, não apenas na gastronomia e moda, mas na valorização dos dialetos locais (como os bretões, gauleses, corsos, irlandeses, bascos), da música, do folclore, dos grupos comunitários. É como se, no meio do movimento de globalização, houvesse um retorno aos valores locais regionais e às suas próprias questões; um outro dia, 10 mil bretões desfilaram no Champs Elysées. Não é apenas uma questão de ser contra o estrangeiro, mas, também, de entender a necessidade deste retorno do aspecto comunitário, valorizando a sua cultura e a sua região de origem em resposta a um mundo em que tudo parece se dissolver.

7. Em seu livro com Claudine Haroche – *A face Obscura das Democracias Modernas* (ainda sem edição em português) – o senhor se refere às raízes do mal, da violência e da destruição. Quais são essas raízes e suas origens?

Enriquez - O mal é constitutivo do ser humano; ele sempre esteve presente e sempre estará, pois o homem não é nem somente bom e nem somente mau, ele é os dois ao mesmo tempo. Em todas as mitologias, o mal sempre esteve representado, tinha sempre alguém que encarnava a outra face. Nas religiões politeístas, se têm o Deus Bom e o Deus Malvado. Sem mesmo recorrer à Psicologia, eu diria que o homem, no seu início, teve que fazer escolhas e ele não sabia, ainda, o que era certo e o que não era. Somente aos poucos esse homem foi aprendendo, foi desenvolvendo formas de agir, foi escolhendo, baseado nessa aprendizagem, mas mesmo assim nós, ainda, erramos e escolhemos errado.

Do ponto de vista sociológico, eu diria que o homem foi descobrindo o seu poder, a possibilidade de dominar outros no grupo. Assim, se toda sociedade tem a capacidade de construção, tem, também, de destruição, e toda sociedade faz uso de uma violência tida como necessária; portanto, não se pode simplesmente extirpar essa violência. Uma parte do processo destruidor é necessária para se fazer novas construções, mas existe uma outra parte que destrói pelo simples prazer de destruir.

Nas sociedades modernas, democráticas, encontra-se uma face sombria na exacerbação do individualismo, na individualização de tudo e na negação ou redução da importância do social. Na Idade Média, existiam duas modalidades sócio-políticas, chamadas *universitas* e *societas*. Na primeira, tinha-se a idéia de sociedade com as suas instituições, valores, conceitos, idioma, na qual era o todo que predominava sobre o indivíduo, ou seja, os homens se tornavam homens por meio da educação e da adaptação a uma determinada sociedade. Na segunda modalidade, *societas*, que se espalhou pelas ciências sociais modernas, considerava que a sociedade consistia em seus indivíduos e que esses eram primeiros em relação aos grupos ou que o que eles constituíam ou produziam entre eles mais ou menos voluntariamente.

As sociedades funcionam de um modo ou de outro; aquelas que optam pelos valores comuns ou aquelas que privilegiam a lei dos indivíduos. A questão é que os indivíduos estão cada vez mais em competição uns contra os outros, em concorrência com os outros, eles se ocupam prioritariamente de si; portanto, aquilo que é de todos lhes é indiferente, não lhes importa, eles não se sentem responsáveis por essa esfera maior.

O indivíduo triunfante é aquele que não sabe servir, ele se fecha em si, se conforma com um contato coletivo mínimo e pode adotar condutas destrutivas tanto em relação a si mesmo quanto em relação aos demais. A violência se torna algo banal, que não merece maior atenção.

8. Em recente palestra no Brasil (organizado pelo SESC – ciclo sobre Mutações – novas configurações do mundo), o senhor analisou as transformações que impactam as relações afetivas essenciais: o amor e a amizade. Quais os traços mais marcantes dessas transformações?

Enriquez - As relações humanas e sociais têm oscilado muito no tempo e no espaço. Assim como todas as outras relações humanas, o amor e a amizade transformaram-se profundamente, e algumas dessas transformações são inquietantes. Elas são compreensíveis porque houve muitas mudanças nos laços sociais que favoreciam a coesão entre os diversos grupos e lhes faziam durar no tempo.

Hoje, vemos esses laços sendo quebrados ou esgarçados, seguindo um movimento de valorização da aparência, do efêmero, do fragmentado e do gozo imediato.

Notamos a existência simultânea de duas características das afinidades eletivas, como amor e amizade: por um lado, as relações entre pessoas são mais democráticas e inventivas, lhes permitindo novas experiências, novas expressões, novos modos de vida que há tempos atrás eram totalmente reprimidos, particularmente em relação à expressão sexual. Nesse sentido, houve uma abertura extremamente positiva. Por outro lado, vemos alguns fortes sinais de que as pessoas estão ficando juntas somente enquanto elas têm o máximo de satisfação.

Em outras palavras, para elas vigoram os mesmos princípios econômicos usados em relações de natureza econômica. Existem mesmo alguns trabalhos que estão sendo desenvolvidos na nova escola de Chicago, que buscam construir uma espécie de tratado de economia das relações afetivas.

A idéia de relações afetivas contabilizadas ocorre mais ou menos assim: os comportamentos *gentis*, de um lado e, de outro, são enumerados e comparados; por exemplo, eu te ligo mais durante o dia, eu que sempre pergunto como estão as coisas, sou eu quem mais investe na relação etc... Ainda, os casais hoje parecem ter criado uma regra em que toda decisão deve ser tomada sempre pelos dois; então, mesmo decisões pequenas que um ou outro está apto a tomar, se o

faz, é logo acusado de sabotar o casal, como se estivesse traindo intencionalmente aquela sociedade. É preciso compartilhar tudo em todos os momentos, se um dos membros passa 2 horas por dia na cozinha, o outro em outro dia deve, também, passar 2 horas na cozinha ou fazer algo equivalente para compensar. Essa igualdade não considera os gostos, as aptidões ou as diferenças entre indivíduos, é apenas a idéia de igualdade pela igualdade de termos.

Não estou dizendo que a distribuição de tarefas no lar não deva ser feita ou que a mulher - tendo ou não uma carreira fora do lar - não deva contar com o auxílio de seu parceiro e ter a valorização do seu trabalho. Apenas digo que a lógica que preside essa distribuição, atualmente, é uma lógica economicista; o casal negocia um com outro como se fossem duas entidades (como sindicatos, por exemplo). É como se um dissesse ao outro "tu deves me dar o tanto de satisfação que eu quero e eu devo te dar o tanto de satisfação que tu queres". O que acontece quando essa meta do máximo não é atingida? É o amor por resultados?

Em relação às amizades, a situação apresenta algumas nuances, pois não ocorre a cobrança tão direta como ocorre com o casal, mas os amigos se tornam cada vez mais efêmeros. Tenho um colega que diz que, hoje, parece, não se têm mais amizades, apenas se têm estratégias relacionais, ou seja, eu sou teu amigo e tu és meu amigo enquanto a relação for proveitosa para ambos.

A amizade por natureza é um sentimento desinteressado e todos nós, de alguma forma, fazemos a diferença entre os amigos e as relações. A gente separa o amigo daqueles que conhecemos e apreciamos, nas relações de trabalho e nas relações sociais mais amplas. Mas, efetivamente, existe um olhar futuro na avaliação das pessoas que conhecemos e encontramos em determinados círculos, algo como "quem sabe posso precisar dele/a no futuro", "a gente nunca sabe, então é melhor não fechar a porta". Isso é cálculo de interesse claramente; é como se estivéssemos desenvolvendo uma "gestão das amizades".

A idéia de valorizar uma pessoa pela sua "networking" é própria desses nossos tempos economicistas e, ainda que Bourdieu tenha estudado a importância do capital social, essas são idéias diferentes e novas. O estilo de vida atual, a compressão do tempo e do lazer, a valorização da vida profissional, o desprezo pelo mais fraco, o individualismo cada vez mais exacerbado, tudo isso é consequência desse tipo de evolução que vivemos e que favorece as relações passageiras e instrumentais.

A gente parece ter cada vez menos tempo para as relações duráveis e sólidas, tempo para conhecer bem uma pessoa e ser bem conhecido por ela. Acontece de a gente se perder no tempo, perder o amigo de vista e quando o encontramos, depois de muitos anos, é como se esse tempo longe não tivesse existido, a gente vive o mesmo prazer, a mesma confiança, a mesma cumplicidade, um é testemunha da história do outro. No entanto, mesmo tendo relações importantes do ponto de vista profissional, tanto os amores como os amigos são essenciais à vida.